

Introdução

O interesse nesta pesquisa partiu de questionamentos que me ocorreram durante e após minha participação, como aluna, em um curso de especialização em educação à distância, curso este feito completamente em um ambiente virtual de aprendizagem e que teve a duração de um ano. As “aulas” transcorreram em fóruns eletrônicos e *chats*, onde alunos e professores interagiam com o propósito de co-construir conhecimento, de maneira a aprender uns com os outros. A partir desta experiência, e levando em consideração as inúmeras dificuldades que encontrei como aluna de um curso mediado totalmente por computador, diversas questões relativas à maneira como o ensino-aprendizagem se desenvolvia neste ambiente tão peculiar começaram a tomar vulto e despertar meu interesse.

Afinal, como fazer sentido no fato de que a escola, o ambiente acadêmico, tinha se mudado completamente para a tela do computador? Os sons, as sensações olfativas, enfim, todos os estímulos sensoriais, geralmente relacionados a um determinado espaço físico e temporal, tinham desaparecido daquele ambiente escolar. Kenski (2003), quando se refere à escola presencial, menciona imagens e movimentos os quais nos remetem ao espaço educativo que reconstituem nossos diferentes aprendizados.

Múltiplas linguagens são as linguagens da escola. Formas possíveis de, inclusive, recuperar, em nossas histórias, as imagens e os movimentos que constituíram nossos aprendizados. Transformar o pensamento racional em afeto e sentir saudades das múltiplas escolas que nos ensinaram tantas linguagens. (Kenski 2003, p. 53)

Enfim, a escola agora estava exposta na tela do computador e, tendo se transformado em imagem, apresentava-se fluida e mutante no ambiente virtual. Nas palavras de Serres (in Kenski, 2003, p. 55), “Outrora visíveis e construíveis em sólido, as escolas [nas redes] apagam as distâncias no espaço real e reúnem em lugares não assinaláveis, grupos virtuais”. O aprendizado, não mais visto somente como prerrogativa da escola, passa então a ter a possibilidade de acontecer a qualquer tempo e em qualquer lugar. Segundo Pierre Lévy (1999), as escolas virtuais passam a ser pontos de encontro no ciberespaço, onde tempo e lugar não

são claramente definíveis. Nas escolas virtuais encontram-se pessoas que farão parte da inteligência coletiva da espécie, e o meio onde se encontram dá a elas a possibilidade de estar em toda parte ao mesmo tempo.

Outro ponto que chamou de imediato minha atenção foi a forma como se desenrolava a interação social entre professores e alunos nos fóruns eletrônicos, e a maneira como estes construíam significado. Afinal, as pistas de contextualização utilizadas nas interações face a face, tais como gestos, expressões faciais, tons de voz e diferenças na entonação já não são mais capazes de dar conta de situação tão peculiar, onde os atores envolvidos constroem significados inteiramente através da linguagem escrita e de alguns sinais e símbolos que tem por objetivo retratar suas emoções.¹ Percebe-se também que a forma escrita, apesar de claramente marcada por traços de oralidade, conserva, igualmente, um certo tom formal, próprio deste tipo de linguagem, sendo na interface dessas duas formas, oral e escrita, que se desenvolvem as interações.

Portanto, foi a partir destas primeiras impressões e questionamentos que comecei a delinear o objeto de minha pesquisa. Para tal iniciei meu caminho fazendo a leitura de autores que tratavam especificamente de EaD, mas que abordavam diferentes perspectivas, tais como: a necessidade de atualização dos professores de forma a explorar as constantes atualizações das tecnologias, já que estas são cada vez mais intensas e velozes (Kenski, 2003); a discussão sobre o ensino a distância; a aprendizagem aberta às perspectivas da educação para o terceiro milênio, resumindo-se no conceito de educação ao longo da vida (Belloni, 1999); a educação a distância como processo semiodiscursivo (Possari, 2005) assim como um guia para traçar o perfil e lidar com alunos on-line (Pallof & Pratt, 2003).

Contudo, observei que a maioria dos textos sobre EaD, apesar da inegável importância de cada um deles para o entendimento de como a tecnologia vem atuando em nossas vidas e, em especial, na educação, carecia de uma postura mais crítica, que abordasse as novas tecnologias a partir de uma perspectiva mais ampla, situada dentro do contexto sócio-econômico e político no qual esta, assim como todos nós, está inserida. Desta forma, sociólogos como Bauman, que trata

¹ Estes sinais constituem-se de combinações de caracteres que, lidos horizontalmente, representam estados emocionais (são chamados “emoticons”), como por exemplo: :) , ;) . No espaço do curso também eram disponibilizadas carinhas, que cumpriam esta mesma função.

da questão da globalização e seus efeitos, da modernidade e da pós-modernidade, assim como Canclini (2007) e Harvey (2000), que igualmente tratam da condição pós-moderna, vieram contribuir para que fosse possível lançar um outro olhar sobre o tipo de relações que vem se formando e tomando vulto no mundo pós-moderno, de modo que possamos entender a EaD de forma menos “deslumbrada”.

De fato, o contexto digital como ambiente de aprendizagem oferece certas vantagens, no sentido de propiciar, tanto a professores quanto a alunos, acesso ilimitado a todo e qualquer tipo de informação, liberdade de horário de acesso, armazenamento de informações e grande possibilidade de interação entre todos os atores envolvidos no processo através das comunidades virtuais de aprendizado,² fato que, segundo Pierre Lévy (1999), favorece os processos de inteligência coletiva dos grupos humanos.

Contudo, as vantagens apregoadas em relação à EaD só serão plenamente usufruídas pela sociedade caso haja uma profunda mudança de paradigma nos processos de ensino-aprendizado. Isto inclui não somente a preparação de professores habilitados a atuar neste ambiente específico, mas também a preparação dos alunos, de forma a possibilitá-los (e capacitá-los) a agir no mundo de forma autônoma e crítica, processo este que deveria ser construído ao longo de todo o percurso escolar. Porém, deveríamos ter em mente que, como coloca Bauman (2005), estar capacitado para atuar no mundo exige bem mais do que possuir ou desenvolver determinadas habilidades. Significa também ter poderes para influir socialmente. Ainda segundo este autor, “estar “capacitado” significa ser capaz de fazer escolhas e atuar efetivamente sobre as escolhas feitas, e isso por sua vez significa a capacidade de influenciar o espectro de escolhas disponíveis e os ambientes sociais em que as escolhas são feitas e perseguidas.” (Bauman 2005, p. 162). Enfim, desenvolver um senso de responsabilidade social, onde o senso de coesão social fosse reforçado através da interação e colaboração com os outros, teria um impacto significativo não apenas nos processos educacionais como também na vida social como um todo. Somente desta forma estaríamos desvinculando a aprendizagem do aluno das exigências do mercado e privilegiando a formação à mera informação.

² As comunidades de aprendizagem serão abordadas mais detalhadamente no primeiro capítulo.

Portanto, para que professores e alunos façam o melhor uso possível tanto da tecnologia, que por si só já abre inúmeras possibilidades, quanto deste novo contexto educacional onde esta se insere, torna-se condição premente que todos estejam preparados para fazer uso crítico tanto das ferramentas quanto do processo de aprendizagem que ali se desenvolve.

Assim, esta pesquisa tem como foco o estudo e análise das interações que tiveram lugar em três fóruns de discussão de um curso à distância mediados por uma única tutora. O objetivo central é o de descrever e analisar as ações da tutora com o intuito de investigar a relação existente entre estas ações e os atos de ameaça à face e o uso de impolidez por parte dos alunos em um fórum denominado “Desabafo”. Para isso algumas questões serão discutidas e analisadas mais detalhadamente de forma que consigamos atingir este objetivo. Para tal me propus a responder as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Até que ponto a maneira como a tutora percebe e enquadra os eventos está ligada às características de sua ação docente?
2. Que relações podem ser estabelecidas entre a ação docente e os atos de ameaça à face da tutora? O uso de estratégias de polidez e de impolidez se dá da mesma forma que nas interações face a face?
3. Até que ponto os princípios que regem a atuação docente na EaD garantem a ambiência do curso?

O trabalho se compõe de cinco capítulos, a saber: educação a distância e aprendizagem on-line; teoria sócio-interacional e dialogismo; metodologia; apresentação, análise e discussão dos dados e considerações finais.

Nos dois primeiros capítulos são apresentados os conceitos que dão embasamento a esta pesquisa. Assim, em um primeiro momento, são abordadas questões mais gerais, visando dar uma visão panorâmica do momento sócio-histórico no qual este trabalho se insere. Para isso tratamos de temas como o processo de globalização e seus múltiplos efeitos, sob a visão de sociólogos como Bauman (2005), Harvey (2000) e Kumar (2006). Posteriormente, fazemos um breve histórico da EaD, tratando, também, da concepção de tecnologia e tecnologia educacional (Belloni, 1999; Almeida, 2003; Corrêa, 2006). Em seguida desenvolvemos e tecemos considerações sobre quem são e como interagem os alunos e professores que se utilizam do ambiente virtual como espaço de ensino-

aprendizagem (Lévy, 1999; Moran, 2000; Pallof & Pratt, 2003; Kenski, 2003; Demo, 2004). Por fim abordamos a questão da formação e manutenção das comunidades virtuais de aprendizagem como forma de incentivar e garantir a interação e, conseqüentemente, o aprendizado, através do compartilhamento, construção e negociação de significados (Pallof & Pratt, 1999; Brown 2001; Tu & Corry 2002). No segundo capítulo abordamos a concepção sócio-histórica do desenvolvimento humano proposta por Vygotsky (1933) e a noção de dialogismo proposta por Bakhtin (1929), assim como nos utilizamos dos conceitos da sociolinguística interacional (Gumperz, 1982a; Goffman, 1967 e 1981a; Brown e Levinson 1987; Culpeper, 1996) para fazermos as análises das interações. Utilizamos, também, o método de análise das estruturas de troca desenvolvido por Kneser, Pilkington e Treasure-Jones (2001).

O que motivou com que o trabalho fosse assim organizado foi a intenção de traçar um panorama geral do contexto digital, de maneira que suas características, vantagens e limitações fossem discutidas para que pudéssemos melhor relacioná-las aos conceitos teóricos que embasam a análise dos dados.

Assim, o terceiro capítulo, de metodologia, refere-se à apresentação dos objetivos de pesquisa e o contexto em que esta foi produzida, a descrição do curso no qual observamos e analisamos a atuação docente, assim como aos procedimentos de análise.

O quarto capítulo apresenta a análise dos dados e discussão dos resultados referentes às interações que transcorreram em três fóruns de discussão – fórum “Desabafo”, fórum acadêmico e fórum “Tira-dúvidas”.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, com algumas conclusões possibilitadas pelas análises, assim como sugestões para possíveis caminhos de pesquisas que levem à continuidade deste trabalho.